

Colunas DC

Marketing

Quem é classe média?

Em agosto foram divulgadas duas pesquisas sobre o crescimento da "classe média" no Brasil, uma feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e outra pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Ambos os institutos demonstram que houve um crescimento da classe média e uma redução do número de pobres no país entre 2002 e 2008. Contudo, explicam o fenômeno de forma diferente.



Se para Marcelo Neri da FGV, o fator preponderante para a ascensão social é a geração de emprego com carteira assinada, para Márcio Pochmann do IPEA, o fato se deve a aumentos reais do salário mínimo e aos programas sociais implantados pelo governo. Segundo Neri, atualmente, mais de 19 milhões de pessoas constituem a classe média, ou seja, mais de metade da População Economicamente Ativa (PEA). Dessa maneira, o estudo constata que o Brasil virou o país da classe média, uma vez que 51,9% da PEA pertence à classe C.

O levantamento realizado pelo Centro de Políticas Sociais da FGV usou como base os resultados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME/2008) e informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/2006), ambas processadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estudo considera os dados de renda do trabalho da PME em seis regiões metropolitanas – Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife – e utiliza os dados da Pnad como parâmetro de fontes de renda.

A classe média é representada como a parcela da população economicamente ativa cuja renda mensal domiciliar varia de R\$ 1.064 a R\$ 4.591. Por outro lado, considera como classes A e B pessoas com faixa salarial acima de R\$ 4.591 e como classes D e E pessoas com faixa de renda inferior à R\$ 1.064. Todos os dados, porém referem-se à situação de pessoas na faixa dos 15 aos 60 anos e ao total da renda familiar, não considerando o número de ocupantes por domicílio.

Os resultados apontaram uma expansão de 42,5% para 51,9% da classe C ao passo que as classes A e B evoluíram de 13% para 15,5% e as classes D e E tiveram uma redução de 42,8% para 32,6%. A renda domiciliar no período de 2002 a 2008 evoluiu de R\$ 1.784 para R\$ 1.957, sendo que as capitais São Paulo, Belo Horizonte,

Porto Alegre e Rio de Janeiro apresentam a maior concentração de classe C. Segundo Neri, esse crescimento deve-se à recuperação do mercado de trabalho, que nos últimos 12 meses gerou 1,8 milhões de novos postos de trabalho.

Já o estudo levado a cabo pelo IPEA, órgão vinculado ao Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, tomou como base a renda domiciliar per capita dos trabalhadores nas seis regiões metropolitanas investigadas pelo IBGE na PME. Nessas regiões, onde mora um quarto da população, que responde por dois terços do Produto Interno Bruto (PIB), observou que o percentual de pobres – renda familiar per capita de R\$ 103,75 a R\$ 207,5 – deverá cair de 33% para 24% de 2002 a 2008. O de indigentes – renda até R\$ 103,75 – deverá cair de 12% para 6%.

Entretanto, para esse Instituto, a elevação do número de brasileiros na classe C acontece devido a efeitos da expansão da economia no mercado de trabalho. Medidas do governo do presidente Lula como o aumento real do salário mínimo e programas sociais como Bolsa Família e aposentadorias e benefícios previdenciários provocaram um aumento dos segmentos intermediários, especialmente da classe média baixa.

Após os resultados desses estudos, no entanto, é o caso de nos perguntarmos o que se entende por classe média? São pessoas com faixas de renda de determinado valor que aumentam os seus níveis de consumo devido à melhoria salarial? Ou é um conceito muito mais amplo que, além de renda, inclui ocupação, nível educacional do chefe e do resto da família e um tipo específico de comportamento de consumo?

Todos concordam que houve uma melhoria na renda e no acesso ao crédito nos últimos anos. No entanto há discordância quanto ao recorte das pesquisas já que a faixa de renda da classe C considerada nos trabalhos é ampla demais e, por isso mesmo cria distorções. Além do mais, em uma delas foi usado o conceito de renda domiciliar e não o de renda per capita, o que modifica totalmente o valor dos recursos, uma vez que não há diferenciação se essa renda é repartida por duas ou por seis pessoas.

O conceito utilizado pela FGV para definir a classe C é o do economista Milton Friedman que diz que "classe média é aquela que tem um plano bem definido de ascensão social para o futuro, nos quais está incluído o consumo". Entretanto, essa "nova classe média" definida por renda domiciliar familiar está comprando tudo atualmente – casa, automóvel, computador. No entanto, as

preocupações resumem-se meramente à compra de bens materiais, sem nenhuma preocupação com a educação e com a geração de renda no futuro, especialmente se o governo não ajudar.

A classe média sempre se definiu por uma preocupação exagerada com a questão educacional. Muito mais que a classe mais baixa - para a qual educação está fora de alcance - quanto a mais alta - que acredita não precisar por ter patrimônio. No entanto, quem da classe média nunca ouviu dos seus pais a sentença de que "o único patrimônio que poderia lhes deixar seria o de uma boa formação, pois com instrução qualquer pessoa pode progredir na vida"? O que sempre definiu classe média foi educação. A nova classe média que está surgindo preocupa-se apenas com o consumo.

.....

LYGIA ROCHA é Socióloga e Mestre em Marketing. Trabalhou na TV Globo e na Embratel. Leciona no IBMEC-RJ e publicou os livros "Vendas Criativas" e "Orientação para Clientes".
e-mail: lygiarocha@terra.com.br